

## A MELANCOLIA DE MENTO MUALA: ANÁLISE E PROPOSTA DIDÁTICA DO CONTO “SOLIDÃO” DE ALBERTINO BRAGANÇA

Anna Paula Aires de Souza <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

África e Brasil ainda que separados por um oceano, possuem muitos aspectos em comum: “Há semelhanças nos gestos, no paladar, no canto, na miséria, na violência, em certa alegria melancólica e no colorido que invadem o cotidiano de lá e de cá” (BRAGANÇA *et al*, 2010). Para tanto, esses aspectos podem ser manifestados principalmente em uma das nossas maiores confluências com alguns casos na África, a Língua Portuguesa. Ela que é idioma também de Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Mento Muala, protagonista [...] poderia ser um personagem de Jorge Amado. Ou então uma figura de alguma canção de Dorival Caymmi. Mesmo não estando na Bahia, mas em São Tomé e Príncipe, Mento se assemelha ao personagem muitas vezes retratado na literatura, nas artes plásticas e nas canções brasileiras: o malandro. E, como qualquer malandro que se preza, ao lado da ginga e malemolência, Mento Muala guarda em si sua dose de melancolia (BRAGANÇA *et al.*, 2010, p.63).

Sendo assim, Albertino Bragança, natural São Tomé e Príncipe, é escritor e político e em suas narrativas tem como objetivo realizar críticas às realidades anteriores e posteriores a independência, “Solidão” não escapa a essa regra – “povoado por cenas que nos falam da vida junto ao mar, da força da música e do clima de desamparo que as personagens enfrentam” (BRAGANÇA *et al*, 2010, p.9). Acerca de São Tomé Bragantina *et al* (2010, p.136) afirma:

Este arquipélago era desabitado até o século XV, quando, em 1482, os portugueses chegaram. Tornou-se um importante entreposto do tráfico negreiro e do plantio da cana-de-açúcar, no qual foi empregada a mão de obra escrava. A parcela populacional da ilha acabou sendo constituída por africanos livres e escravos.

Dessa forma o autor busca resgatar esses aspectos em sua narrativa seja pelas temáticas tratadas ou pelo jeito melancólico que narra. “Solidão”, por exemplo, narra a história de Mento Muala, um homem que inicialmente é descrito como sempre muito feliz e

---

<sup>1</sup> Mestra, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba – PB, paulaaires1@gmail.com

também muito assediado pelas mulheres, contudo o enredo inicial sofre uma mudança que interfere na sua personalidade alegre. É nessa perspectiva que analisaremos o conto a partir da melancolia. O estudo tem como objeto as representações da melancolia, na narrativa de “Solidão”, especialmente em relação ao protagonista, para o que dialogamos, também, com algumas reflexões teóricas de Freud e Walter Benjamin. Segundo Freud (1967), a melancolia é um estado ocasionado como reação a uma perda, que pode ser tanto real quanto ideológica e/ou imaginada, causando dor, tristeza, cessar de interesse pelo mundo – características comuns ao luto – e, principalmente, uma diminuição do amor-próprio, aspecto em que se singulariza. Walter Benjamin (1985) por sua vez, analisa a melancolia como uma via de reflexão crítica.

Acerca do trabalho com literatura africana de língua portuguesa, podemos considerar que é uma literatura marcada pela luta e conflito que discute através da ambiguidade a tradição e com o seu tempo. Diante disso, a leitura de obras de escritores africanos por estudantes brasileiros é de grande valia, uma vez que podem aprender sobre esse grande continente bem como resgatar as relações que com ele construímos no decorrer de nossa história. Nesse trabalho propomos esse estudo a partir da sequência didática básica de Rildo Cosson (2006).

### **ESTAR SÓ, MESMO SEM ESTAR – A MELANCOLIA DE MENTO MUALA**

Freud (1967), em seu ensaio “Luto e Melancolia”, define a melancolia como um sentimento ocasionado como reação a uma perda, seja de um ser amado, de um sonho, da liberdade, de um ideal, etc. Essa perda pode ser realmente materializada ou uma perda no campo ideal. Caracteriza-se por, geralmente, ser muito dolorosa, e por provocar o desinteresse pelo mundo e certa problematização da capacidade de amar. Contudo, essas são características comuns ao luto, também, o que os difere, essencialmente, é que na melancolia há uma escassez do amor próprio.

Mas há que observar que a distinção entre o luto e a melancolia também está relacionada ao reconhecimento do objeto perdido:

En una serie de casos constituye también evidentemente una reacción a la pérdida de un objeto amado. Otras veces observamos que la pérdida es de naturaleza más ideal. El sujeto no ha muerto, pero ha quedado perdido como objeto erótico (el caso de la novia abandonada). Por último, en otras ocasiones creemos deber mantener la hipótesis de tal pérdida; pero no conseguimos distinguir claramente lo que el sujeto ha perdido, y hemos de admitir que tampoco a éste le es posible concebirlo conscientemente. A este



caso podría reducir también aquel en el que la pérdida, causa de la melancolía, es conocida al enfermo, el cual sabe a quién ha perdido, pero no lo que con él ha perdido. De ese modo nos veríamos impulsados a relacionar la melancolía con una pérdida de objeto sustraída a la conciencia, diferenciándose así de la aflicción, en la cual nada de lo que respecta a la pérdida es inconsciente (FREUD, 1968 p.1076).

Mento Muala era um homem aparentemente alegre, bem-humorado – “Quando Mento Muala chegava, cheio de bons-dias (Cuma bô sá ê, mina mum?), cabelo levantado, ar vivo, as raparigas comentavam, entusiasmadas” (BRAGANÇA, 2010, p.64) - e com uma boa convivência com aqueles que faziam parte de seu entorno, apesar de por vezes gostar de envolver-se em brigas e/ou confusões – “Simples, desprezioso, respeitador, assim era Mento Muala. Mas também brigão, quando a ocasião a isso obrigasse” (BRAGANÇA, 2010, p.65) -, contudo ainda que não consigamos identificar a motivação Mento Muala não era quem desejava aparentar ser, isto é, havia por trás um Mento Muala introspectivo, pensativo e até melancólico.

Por ele dir-se-ia que não passavam as chuvas e gravanas: parecia constante o seu entusiasmo, inesgotável a fonte que o alimentava. Mas quem perscrutasse bem os seus olhos notaria que a alegria contagiante que irradiava de Mento era invadida, aqui e ali, por fugazes laivos de tristeza, pedaços de sombra em dia de sol radioso, que não chegavam, contudo, a retirar-lhe luminosidade.

E – essa que é a verdade – Mento Muala não era o homem feliz que aparentava. Por muito que tentasse, era-lhe impossível disfarçar a inquietude vivida quando a noite caía, mansa, invadindo tudo – o mato, o quintal, a pequena gleba situada no seu flanco leste.

Nessas horas, sentado diante da porta da pequena casa de madeira e pavo; o roçar do vento nas folhas da anoneira e os gemidos pesarosos dos munquéns levavam-no a refletir sobre a sua vida, sobre essa sufocante solidão que não conseguia vencer (BRAGANÇA, 2010, p.68).

Ainda que não sejam identificadas – ao menos inicialmente - as perdas de Mento Muala, é perceptível seu comportamento melancólico, representado pela alegria disfarçada, pela boa interação com as pessoas e, em especial, com o público feminino, mas sobretudo em como ele se sente ao cair da noite. Sua verdadeira face, personalidade: reflexiva, inquieta e também triste refletida em seus olhos, que diferente do restante do corpo, não conseguiam disfarçar o modo como se sentia.

A solidão – aspecto que ao mesmo tempo que nomeia o conto de Albertino Bragança expressa o sentimento do protagonista em relação a sua vida - é uma peculiaridade da melancolia: “La melancolía fue ciertamente un sistema coherente capaz de dar sentido al



A melancolia retratada na gravura é representada por uma mulher alada, que, segundo tanto Scliar (2003) quanto Lages (2007), representa os voos intelectuais que ela é capaz de fazer. Mas que, no entanto, não os faz, pois permanece sentada, sem mover-se, numa posição é considerada típica dos melancólicos, com queixo apoiado com a ajuda da mão e um olhar perdido, cujo contraponto moderno pode ser encontrado em “O pensador”, de Rodin. “A figura típica do melancólico é a de um ser pensativo, imerso na contemplação, cuja cabeça pesa, pende para baixo” (LAGES, 2007, p.154). Desse modo, “el ángel de la melancolía no se halla en un estado de parálisis depresiva, sino en un intenso trance visionario” (BARTRA, 2001, p.212).

Scliar (2003) ainda reitera o posicionamento típico dos melancólicos como representação do pensar em demasia, citando Baudelaire e um de seus versos: “... La Mélancolie, à midi, quand tout dort/ le menton dans la main...”.

Segundo Lages, ao tratar da imagem da melancolia de autoria de Dürer,

A cabeça lhe pesa, cheia como está mórbida de fantasias. Os músculos da nuca, que deveriam manter erguida aquela cabeça, de há muitos cansaram. No ansioso, esses músculos estão sempre tensos; é uma tensão arcaica, a mesma que faz o herbívoro erguer a cabeça, alarmado, quando fareja um carnívoro. Mas à melancolia, às voltas com os demônios interiores, a ameaça externa, real ou imaginária, não importa muito. Permanece imóvel, como se lhe faltasse ânimo para movimentar-se (LAGES, 2007, p.82).

Apesar das inúmeras de mulheres por ele encantadas, Mento Muala conheceu uma que de fato permitiu estar dentro de sua vida, de sua casa, de seu coração, Lencha era seu nome. No entanto, ainda que conseguisse perceber o estado melancólico de Muala, Lencha não conseguia que ele dividisse com ela o que o atormentava, não conseguia que ele desabafasse.

Lencha foi a primeira pessoa a alertá-lo tempos atrás para o facto. Viveram juntos alguns meses, para Mento isso se traduzira em um misto de prazer, mas também de temores e receios, Prazer pela afabilidade da companhia; temores e receios sem fundamento, é certo, mas que lhe provocavam um mal-estar, uma inquietação sem limites, como se temesse que algo de terrível lhes viesse a acontecer de um momento para o outro. A sensação angustiante de cruzar uma estrada de olhos vendados, sujeito a todos os perigos.

Quando Lencha lhe perguntava a causa do seu silêncio, pousava sobre elas os olhos grossos e encolhia os ombros em tom displicente.

- Você não é homem “pá” viver com mulher em casa, Mento. Todos os dias estou com o olho em cima de você, você parece gente que já nasceu casado, que deixou mulher no outro mundo. Você não vive com gosto, Mento – Lencha falava-lhe com sinceridade, as palavras despidas de emoção, objetivas como projéteis atingindo em cadeia um alvo colocado próximo (BRAGANÇA, 2010, p.68-70).

Lencha, apesar das poucas falas, aparentemente possui uma personalidade que contrasta a de Mento, tendo em vista que diferente dele que, em suposição, era sentimental, melancólico, sua companheira era mais objetiva e também demonstrava menos emoção. Contudo, ela traz uma análise importante acerca da personalidade de nosso protagonista e que se relaciona na forma como sua melancolia se manifesta. Lencha ao observar Mento conclui que ele não serve para ter um relacionamento, pois pelo seu modo permite aparentar que já tinha outra mulher, em outro mundo. Essa mulher em outro mundo pode estar relacionada ao ideal de perda proposto pela melancolia definida por Freud. No caso de Mento essa perda seria no campo ideal, se entendermos que essa mulher a qual se refere Lencha está mais para uma expectativa, uma idealização do que para uma existência real, propriamente dita.

Todavia, Lencha com sua personalidade objetiva e distinta da de Mento, resolve ir embora, deixando tanto o protagonista atormentado tanto com suas palavras como pela falta. Há, portanto nesse caso uma acentuação do processo melancólico, já que uma perda que anteriormente parecia estar tão somente associada ao campo ideal, agora se materializa no afastamento sem volta de Lencha.

- Vai embora, Mento. Eu fui primeira mulher que você viveu com ela, vou ser também a última. Você mesmo sabe disso. Não vou voltar mais “pá” tu casa.

Voltou a procura-la durante algum tempo, mas era como se a terra a tivesse tragado. Mas as palavras dela ainda hoje lhe insuflam os ouvidos, como pequeninas campainhas a cujos sons se não podia furtar: felinas, contundentes e, pior do que isso, proféticas. Fora de facto a primeira e única a permanecer em sua casa, a amarrá-lo à vida sedentária que não era sua (BRAGANÇA, 2010, p.70).

O protagonista assim se conforma, contudo com o passar dos anos e o aumento da idade além da melancolia e da tristeza lhe consumirem, ele não consegue como outrora ser o Mento que esconde essa faceta, ao contrário, ela a assume, ficando mais em casa e tendo como distração narrar suas histórias para os garotos das redondezas.

Agora mais propenso ao descanso, procuravam-no os garotos das redondezas para longas conversas, nas quais a imaginação sem limites se misturava com as reminiscências de uma vida rebelde e transgressora (“mítica”, na expressão qualificada do Dr. Neco Celestino, homem profundamente conhecedor, dos poucos que conviveram de perto com Mento Mualla e que lhe chegaram a desvendar a filosofia da vida) (BRAGANÇA, 2010, p.71).

Em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin fala sobre o narrar como uma arte em via de extinção porque os indivíduos estão privados e não conseguem mais intercambiar experiências, o que acontece porque a própria experiência encontra-se em um estado de declínio. Visto que as experiências estão em decadência, a narração não tem mais as mesmas características tradicionais: “E entre as melhores narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p.198). No entanto, as narrativas ainda objetivam o intercambio de experiências, como ressalva W. Benjamin:

Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas de comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila (BENJAMIN, 1989, p.107).

Nesse sentido, “a solidão [...] é causa e consequência da melancolia” (SCLIAR, 2003, p.72), e ela se manifesta na narrativa de Bragança com o desfecho do protagonista, como um narrador solitário de suas próprias histórias, inventadas ou não. Dessa forma, na narrativa de “Solidão” no último momento Mento Muala procura imitar, ao menos no plano da representação, a perspectiva de um narrador autêntico, cujas experiências são provenientes de toda a sua trajetória, seja como viajante, seja como quem viveu e acumulou vivências em um determinado lugar e uma determinada época. No entanto, já não se trata do narrador da tradição oral capaz de comunicar experiência plena. Muala comunica um conjunto de vivências que, no contexto, constituem o seu arcabouço material e a sua autoridade, ao mesmo tempo em que lhe proporcionam certa aprendizagem e uma via de escape e/ou fuga da solidão.

Como momento final da narrativa, Muala perde o gosto total pela vida e, aparentemente anseia pela morte: “Eu não preciso tomar cuidado com a morte, porque ela não vai dar-me trabalho, não” (BRAGANÇA, 2010, p.71). Segundo Freud (1968) para o melancólico o mundo parece entristecido diante de seus olhos, e seu amor próprio diminui. Ambos esses aspectos são comprováveis no protagonista tendo em vista que Lencha acabou tendo mais importância que ele próprio e os seus olhos em toda a narrativa são o reflexo do modo como realmente se sente, observados e relatos inclusive por sua companheira.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA BÁSICA

Rildo Cosson (2006), traz como proposta de trabalho com literatura a sequência didática básica. Nela são trabalhados quatro momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação. E é a partir desse esquema de estudo literário, organizado por Cosson que iremos propor a leitura e estudo do conto “Solidão”, acima estudado sob a perspectiva da melancolia.

Para início da sequência, propõe-se a etapa de Motivação. Nessa etapa, faremos uma nuvem de palavras que pode ser feita no próprio quadro com os alunos falando as palavras que devem compor, ou através de um aplicativo como o *Wordclouds*, em que os estudantes podem inserir através de seus celulares as palavras que serão refletidas na tela da televisão ou através do projetor. Independente do suporte, o objetivo é que os alunos discutam acerca da palavra “África”, o que conhecem sobre ela, como a compreendem, justamente para que o professor possa também se situar acerca dos conhecimentos prévios da sala sobre a temática. A nuvem de palavras, por sua vez, pode e deve gerar discussões sobre o continente, colonidade, escravidão, relações da África com nosso país, cultura, etc.

O momento seguinte é o chamado de introdução. Nessa fase, propomos utilizar a metodologia ativa *Jigsaw*, que é um método pautado na aprendizagem cooperativa. Nele a turma é dividida em equipes que trabalharão em diferentes momentos e agrupamentos com o objetivo de construir e partilhar conhecimentos.

A metodologia é dividida em partes, na primeira, “Os grupos de base” terão estudantes com partes diferentes do mesmo texto sobre o autor Albertino Bragança como, por exemplo, Infância, vida adulta, cidade natal e obras. Cada um dos alunos vai ler e estudar sobre a parte que lhe foi designada. Na segunda parte, “O grupo de especialista”, os alunos se reunirão com base no que estudaram em comum, isto é, todos os discentes que ficaram responsáveis pela leitura da parte correspondente as obras do autor se reunirão e discutirão entre si as temáticas. O mesmo deve ocorrer com todos os assuntos previamente divididos e lidos individualmente. Na terceira etapa, há um “retorno aos grupos de base”, em que cada especialista explica para os demais os principais pontos que leu e discutiu no grupo anterior. Por fim, na última etapa são apresentados questionamentos sobre todos os conteúdos discutidos e por meio deles





(acertos e respostas” se consegue direcionar a discussão e, conseqüentemente, conhecer mais sobre o autor e sua obra.

Realizado o momento de introdução, partimos para a leitura. Nesse momento sugerimos que ela seja realizada em duas etapas. Na primeira, os alunos devem ler sozinhos, de forma silenciosa. Para isso, o professor pode disponibilizar os livros (caso a escola tenha acesso a quantidade necessária) ou projetar o conto para que todos possam ler individualmente. Passada essa etapa, sugere-se uma leitura dramatizada. Nessa parte, o professor pode solicitar aos alunos que, de forma espontânea, eles escolham que personagem desejam ser. Escolhidos quem lerá cada fala e quem será o narrador, os alunos devem começar, orientados pelo docente, a leitura dramatizada do texto.

Por fim, a última parte é a intitulada de interpretação. Nela sugerimos que os alunos produzam uma pizza literária do conto em que exponham o enredo, os principais personagens, o autor, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do conto, constatamos que ainda que o protagonista fosse descrito como um personagem feliz, encantador e que seduzia as mulheres, à melancolia sempre esteve à espreita, à sombra de sua vida, materializando-se principalmente nos momentos solitários em sua casa, tendo como janela principal os seus olhos, que na concepção de Lencha evidenciavam a falta de algo. O que qualificamos justamente como o objeto perdido, motivação pela qual a melancolia se manifesta. No entanto, concomitantemente percebemos também em Muala uma pretensão ao olhar reflexivo do que lhe acontecia, dividido para os outros por meio da narração de suas histórias.

Acerca da proposta didática, destacamos o potencial de conhecimento da cultura africana, especialmente da literatura, através tanto da sequência de Cosson (2006) quanto de metodologias ativas que permitem flexibilidade nas formas, textos, leituras e atividades apresentadas.

## REFERÊNCIAS

BARTRA, Roger. **Cultura y melancolia**: las enfermedades del alma en la España del siglo de oro. Barcelona: Anagrama, 2001.



BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985c. p. 165 – 196.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas 1**: magia e técnica, arte e política. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 114-119.

BENJAMIN, W. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas 1**: magia e técnica, arte e política. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a. p. 197-221.

BRAGANÇA, A. *et al.* **Contos africanos**. São Paulo: Ática, 2010

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREUD, S. Aflicción y Melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas I**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967. p.1075-1082.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

#### **IMPORTANTE:**

**Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.**

**Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.**